

‘Nós’: um encontro com o estranho-familiar que nos habita

Nelma Cabral, Natália Oliveira

RESUMO:

Neste relatório de pesquisa apresentamos uma análise dos delírios de emasculação de Schreber, narrados por ele em seu livro *Memórias de um doente de nervos* (1903) e das narrativas, entrevistas e produção das ideias de Letícia Lans sobre sua transição. Para análise e discussão do material inventariado, recorreremos além da psicanálise, ao campo da sociologia e da filosofia. Mostramos a desvinculação da transexualidade da psicose pela via destes registros e problematizamos as fórmulas de sexuação como recurso necessário para realizar uma leitura das mulheres trans. Concluimos pelo recurso ao conceito de feminilidade tal como enunciado no discurso freudiano sobre o fim de análise para trazer uma outra interpretação sobre o do que se trata nas experiências das mulheres trans.

PALAVRAS-CHAVE: Trans, Sexuação, Feminilidade.

ABSTRACT:

In this research report we present an analysis of Schreber's emasculating delusions narrated by Schreber in his book *Memoirs of a Nervous Patient* (1903) and of the narratives, interviews, and production of Letícia Lans's ideas about her transition. For analysis and discussion of inventoried material, we resorted beyond psychoanalysis to the field of sociology and philosophy. We show the decoupling of transsexuality from psychosis through these records and problematize the sexuation formulas as a necessary resource for reading trans women. We conclude by resorting to the concept of femininity as stated in the Freudian discourse on the end of analysis to bring another interpretation of what it is about the experiences of trans women.

KEYWORDS: Trans, Sexuation, Femininity.

INTRODUÇÃO

O presente relato de pesquisa apresenta uma discussão sobre a diferença entre o que insiste nos delírios de Schreber que o levou a fabricar alucinatoriamente um corpo-mulher aberto ao gozo infinito e as experiências de transição de Letícia Lans, relatada em entrevistas e textos em seu blog no engendramento de um corpo e de uma nomeação advindos de uma convicção de pertencimento a um outro gênero.

A partir da afirmação de Lacan de que o delírio de Schreber de transformar-se em mulher seria uma “prática transexualista”, alguns autores do campo psicanalítico reduziram a variedade das manifestações trans a uma única estrutura psíquica, a psicose.

Constatamos no mapeamento das últimas teorizações psicanalíticas sobre as experiências trans a tendência a pensá-las a partir das fórmulas de sexuação, fundamentada para além do falo. Problematizamos este recurso e indagamos se o recurso ao conceito de feminilidade do final do percurso freudiano, tal como trabalhado por Birman (1996) e Nunes (2000), não traria um melhor entendimento sobre o de que se trata nestas experiências e na de todos os sujeitos, independente do gênero.

OS DELÍRIOS DE ESMACULAÇÃO DE SCHREBER E O EMPUXO-À-MULHER

Daniel Paul Schreber escreve suas memórias, entre 1900 e 1901, quando se encontrava internado no Asilo Sonnenstein, e narra que a ideia “de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (SCHREBER:45), lhe ocorreu numa época de muitos sonhos sobre sua doença e logo após a nomeação para presidente da Corte de Apelação de Dresden. E como essa ideia foi seguida pela coação vezes dizendo-lhes as condições necessárias à sua emasculação. Registra que, em plena consciência, as teria rejeitado.

Num primeiro tempo, escreve Schreber (1903), o processo de emasculação foi sentido como objeto de uma conspiração em que outros raios conduzidos por almas impuras (como os raios de Flechsig - primeiro médico que o atendeu quando de sua primeira crise) interferiram impedindo que este processo fosse conduzido em sua pureza em conformidade com a Ordem do Mundo. As almas impuras queriam abusar sexualmente dele, como se quer com uma prostituta, para abandoná-lo a seguir à putrefação.

Mapeamos em suas memórias que foi a partir do início de sua internação em Sonnenstein que mudanças consideráveis na sua relação com os raios divinos se colocaram. Se antes os efeitos físicos e espirituais em seu corpo eram vividos com pavor e ameaça e o levava a pensar em suicídio, a partir do momento em que teve a convicção de que a emasculação era uma exigência de Deus para gozar de seu corpo visando a criação de uma nova raça de homens reconcilia-se com a ideia de sua transformação em mulher e adota como bandeira o culto da feminilidade.

A partir de então, inscrevi em minha bandeira, com plena consciência, o culto da feminilidade e, na medida em que a consideração pelo ambiente o permita, continuarei a fazê-lo, pensem de mim o que quiserem aqueles a quem escapam as razões sobrenaturais. Gostaria de ver qual o homem que, tendo que escolher entre se tornar um idiota com aparência masculina ou uma mulher dotada de espírito, não preferiria a última alternativa. Mas é deste modo e apenas deste modo que a questão se coloca para mim. (SCHREBER, 126)

Em seus relatos descreve a produção de imagens e as impressões que vivencia quando sente seu corpo se transformar e adquirir as feições e órgãos sexuais femininos. Seu corpo fica impregnado de “nervos da volúpia, tal como ocorre exclusivamente no corpo da mulher adulta” (SCHREBER, 181), diferentemente dos nervos da volúpia do homem, que se encontram apenas nos genitais e adjacências, e é esta volúpia que o move. Escreve,

O que me move, portanto, não é uma baixa sensualidade. ... Mas assim que eu — se assim posso me expressar — estou a sós com Deus, para mim é uma necessidade fazer, por todos os meios imagináveis, com todo o empenho da minha energia intelectual, em particular com a minha imaginação, com que os raios divinos tenham do modo mais contínuo possível, ou — uma vez que isto o homem não pode fazer — pelo menos em certos momentos do dia, tenham a impressão de uma mulher que se regala de gozo voluptuoso. (SCHREBER, 184).

Schreber faz uma escolha forçada, deixar-se transformar em mulher e entregar-se ao excesso de gozo que toma inicialmente partes de seu corpo e se estende por todo ele, tomando sua alma. Só as mulheres, escreve, tem acesso a esse gozo.

Lacan (1955-1956/1998), dando passos além de Freud, em relação à psicose, abordou a relação entre a linguagem e o gozo na psicose. Conceituou a psicose por uma operação específica, a forclusão do Nome-do-Pai, ou seja, a não inscrição de um significante que impede ao sujeito psicótico habitar a linguagem, tomar uma posição na partilha sexuada – do lado do todo fálico ou do não todo – e aceitar que pelo menos um

não é submetido à função fálica. Possuído pela linguagem, posicionando-se do lado do não-todo, sem beneficiar-se da exceção, resta ao sujeito psicótico se haver com uma submissão a um Outro absoluto, se haver com o lugar de objeto do Outro.

No primeiro momento, o Outro absoluto que se faz presente no delírio de Schreber exigindo sua transformação em mulher foi Flechsig. No segundo momento, metáfora delirante Mulher de Deus opera efeitos, produz uma estabilidade, ainda que precária, pois não barra completamente o Outro. A aceitação desta condição, ser Mulher de Deus, abre o caminho para que enfeite seu peito, seus seios cresçam sem nenhuma resistência para receber a visita de Deus que vem gozar de seu corpo. Lacan chamou essa preparação de Schreber de ‘prática transexualista’ (LACAN, 1955-1956/1998, p. 575) e a saída pela via delirante de inventar A Mulher Toda, não barrada, a Mulher de Deus, objeto de seu gozo de ‘empuxo-à-mulher’ (LACAN, 1972/2003, p. 466)

INTERPELAÇÕES À PSICANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE UMA TRANSGÊNERA

O deslocamento realizado por Lacan de uma base homossexual para transexual na paranoia de Schreber e as consequências desta hipótese nos levou a pesquisar os perigos advindos de uma extensão da atribuição para todos os sujeitos trans da estrutura psicótica. E como esta atribuição foi assentada no empuxo-à-Mulher, procuramos analisar as narrativas de Letícia Lanz, psicanalista e escritora, para interpelar a ancoragem na experiência de transição dos sujeitos trans e mostrar que a feminização de que se trata não pode ser pensada como um empuxo-à-Mulher e, arriscamos a dizer, nem pelas fórmulas de sexuação.

Em entrevistas, Letícia narra os sofrimentos e as dores que a acompanharam desde a infância advindo de ter sido enquadrada na caixinha do gênero masculino e reiteradamente ter que retomar gestos, atos, discursos, desejos, atitudes designadas pela matriz heterossexual. Vale dizer que, Letícia Lanz fez sua transição somente aos 50 anos, em um momento extremamente difícil, após sofrer um infarto, e em que uma decisão se impôs - não mais negar a si mesma seu desejo de pertencimento a outro gênero. Não queria mais se “mostrar escondendo” como passou a fazer num clube Crodesser aberto por ela. Casada, pai, avô, afirmou, em uma de suas palestras, que nunca quis ser mãe, mas mulher, sim, e que também não deixou de gostar de mulher.

Disse numa palestra no Fórum Rio Campo Lacaniano, “... hoje eu tenho orgulho de ser mulher. Antes, eu tinha vergonha de ser homem”.

Recorrendo à figura de Lans e indagando o que os trans nos ensinam Quinet (2018) mostra que há uma redução na leitura das fórmulas de sexuação, proposta por Lacan, se as tomam tendo por referência o binarismo sexual e não a diferença entre modos de gozos. Alinhamo-nos no seu entendimento de que as fórmulas de sexuação trata da partilha dos seres em todo fálico e não-todo fálico e que com isso a posição sexuada fica para além da anatomia e possibilita uma combinatória por quatro posições de gozo ao sujeito, independentes de seu sexo, gênero ou orientação. E conclui que a ordem trans encontra-se do lado do não-todo, para além do fálico.

Nos textos postado em seu blog e nas várias entrevistas concedidas, vemos as dúvidas, conflitos e dores que acompanharam Lans em sua vida por anos e concluímos que não eram originários de um descompasso entre seu corpo biológico e sua identificação, mas do constrangimento, da condenação a viver como homem por que nasceu com pênis, mesmo mostrando sua inadequação e sua ausência de identificação com universo masculino. Assim como outros sujeitos trans, recusa a atribuição si um de erro da natureza, como também o saber médico patologizante. De seu blog, extraímos: “Eu não nasci num corpo errado. Nasci numa sociedade errada”.

Considerando um contra senso tomar o órgão genital para definir o corpo inteiro, Lans realiza uma crítica contundente aos discursos pautados pela diferença sexual. Argumenta que a assunção do gênero é uma questão sociopolítica e não patológica. Mas, ela não está só. Não só muitos sujeitos trans, mas também pesquisadores defendem esta hipótese como Butler (2012), Porchat (2014), Perelson (2011) e Cunha (2016), Ayouch (2015), Bento (2016) e Quinet (2018) e outros.

Dentre as interpelações endereçadas pelos sujeitos trans à psicanálise, a afirmação de Lans “Nasci macho, me identifico como mulher e minha orientação sexual sempre foi pela fêmea” em seu blog e de outras semelhantes de mulheres ou homens trans para problematizar o falo como operador estrutural. E constatamos com Quinet (2018) que ao introduzir a função fálica articulando gozo e linguagem, Lacan abre para outras saídas fora da diferença sexual. Mas, se encontramos nesta leitura uma contraposição ao universo das identidades e ao Édipo, ainda assim, a diferença entre gozos é de uma lógica disjuntiva, e mesmo sendo uma disjunção inclusiva, ainda assim, permanece-se na lógica binária, do todo ou não todo.

Face à essa conclusão e à manutenção da interpelação acolhemos a suspeita de Bento de que seria algo insuportável do feminino que leva à prática do feminicídio e dos registros de Lans, traços de um feminino que abre mão da referência fálica e assume sua condição precária como vivente humano para forjar outros devires. Indagamos a pista de Nunes (2000) de que a noção de feminilidade extraída do final do percurso freudiano pode possibilitar pensar as experiências transexuais. Talvez, esta noção nos possibilite pensar o impossível da relação sexual segundo outros registros.

CONCLUSÃO

Se encontramos no delírio transexual de Schreber que sua transformação em mulher era originado de uma exigência imperiosa de um Outro absoluto para servir-se dele, e que fundamental, nesta transformação, era a aquisição dos nervos de volúpia feminina próprios da mulher adulta, não reclamava um mal estar advindo de seu de pertencimento ao gênero masculino e nem buscou uma outra nomeação para si. Foi o Outro que lhe deu uma função, Mulher-de-Deus.

Lans mostra que durante cinquenta anos de sua vida se alienou aos significantes do desejo do Outro em relação ao seu desejo de pertencimento a outro gênero. Mas, se mostra a imposição reiterada do que se convencionou chamar de masculino, a que ficou submetida, mostra também sua ruptura, pagando todo o preço advindo daí.

Encontramos em Birman (1996), Àran (2000), Nunes (2000) uma leitura freudiana da feminilidade como uma vicissitude do vivente humano e não algo concernente às mulheres. A feminilidade seria uma “condição originária do sujeito, em relação ao qual vem se opor organização fálica” (NUNES, 231), em que o sujeito se confronta necessariamente com o seu desamparo e, por recurso, a sublimação pode inventar outros modos de existência, corporal e psiquicamente.

Parece-nos que se, em Schreber a assunção da feminilidade fracassa, e seu recurso é o empuxo-à-Mulher que lhe possibilita uma estabilidade, em Lans é a criação de um novo corpo e de um novo modo de existência com todas as dores e delícias que pode implicar para ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUCHE, Thamy. "Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais", *Percurso*, São Paulo, n. 54, v. 1, jun., 2015, p. 23-32.

ÁRAN, Marcia. "Feminilidade, entre Psicanálise e Cultura: esboços de um conceito" *PHYSIS*, Rio de Janeiro, 10(1), 2000, p. 169-195.

BENTO, Berenice. "Disforia de gênero: geopolítica de uma categoria psiquiátrica". *Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, n. 15, vol. 7, ago., 2016, p. 496-536.

BIRMAN, Joel. "Psicanálise, uma estilística da existência?" In *Por uma estilística da existência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 23-51.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 236.

CUNHA, Eduardo Leal. "A psicanálise e o perigo trans (ou: por que psicanalistas têm medo de travestis? ", *Periódicus*, Bahia, n. 5, v.1, maio-out., 2016, p. 7-22.

LACAN, Jacques. "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 537-590.

LACAN, Jacques. "O aturdito". *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003. p. 448-497.

NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 255.

PERELSON, Simone. "Transexualismo: uma questão do nosso tempo e para o nosso tempo", *Epos*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, dez., 2011.

PORCHAT, Patrícia. *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gênero com Judith Butler*, Curitiba: Juruá, 2014, p. 171.

QUINET, Antonio. "A psicanálise na era trans", *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 35, v.2, dez., 2017, p. 13-22.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 316.

Outras referências:

<https://leticialanz.blogspot.com>

Diálogos | Debate sobre transgêneros da TV UNESP publicado em 7 de junho de 2017
<https://www.youtube.com/watch?v=HZ2Tj-QVP7c>